



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

O MEDO URBANO E O PROTAGONISMO DOS T-LOVERS NO CIBERTERRITÓRIO: O FIM DO TERRITÓRIO DE PROSTITUIÇÃO DE TRAVESTIS NO BAIRRO DA GLÓRIA?

*URBAN FEAR AND THE PROTAGONISM OF T-LOVERS IN CYBERTERRITORY: THE END OF THE
TRAVESTIS PROSTITUTION TERRITORY IN THE NEIGHBORHOOD OF GLÓRIA?*

(Recebido em 26-07-2021; Aceito em 04-01-2022)

Ivan Ignácio Pimentel

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil
Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro,
Brasil

Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa GeoCorpo
ivan.pimentel@uerj.br

Jeziel Silveira Silva

Mestrando em Geografia Humana pela Universidade Federal de São João Del-Rei - São João Del-Rei,
Brasil

Membro do Grupo de Geografia de Pesquisa em Humana Aplicada (GHAP)
jezielsilveira@hotmail.com

Leticia Gonçalves Marques da Silva

Mestranda em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Brasil
Membro do Grupo de Geografia de Pesquisa em Humana Aplicada (GHAP)
leticiagmarques@hotmail.com

Resumo

Neste artigo buscamos compreender o território de prostituição de travestis no bairro da Glória a partir de diferentes olhares, assinalando que um espaço desprezado por uma parcela da sociedade pode ser visto como algo além de uma “zona de batalha”, ou seja, como uma oportunidade de trocas e de convívio entre corpos considerados abjetos. Através da metodologia de análise do discurso, observamos que, para as travestis, o território é por essência um espaço que possibilita a autodefesa, sua construção identitária, sua [re]existência e sua resistência diante das portas que se fecham durante o dia. Esse território por elas controlado no período noturno também depende da existência de um outro ator social – os *t-lovers*, grupo diretamente envolvido no comércio do corpo e que paga não só pelo sexo, mas pelo silêncio que oculta sua identidade. Com o crescimento da violência e do sentimento de medo na urbe, muitos *t-lovers* passam a ver de perto os riscos dos territórios de prostituição e começam a transpô-los para o ciberespaço. Assim, elucidar as relações de poder no

território de prostituição no bairro da Glória e no *ciberterritório* constitui um importante mecanismo para compreendermos as novas configurações entre travestis e *t-lovers* nos territórios de prostituição.

Palavras chave: Ciberterritório; Prostituição; Território; T-lover; Travestis.

Abstract

In this article, we aim to understand the territory of prostitution of travestis in the neighborhood of Glória from different perspectives, pointing out that a space despised by a portion of society can be considered as a space beyond a "battle zone", that is, as an opportunity for exchanges and socializing between bodies considered abject. Through the discourse analysis methodology, we observe that for travestis, the territory is essentially a space that enables the self-defense, their identity construction, their [re] existence and their resistance to the doors that close during the day. This territory controlled by them at night also depends on the existence of another social actor - the t-lovers, a group directly involved in the commerce of the body and that not only pays for sex, but for the silence that hides their identity. With the growth of violence and the feeling of fear in the city, many t-lovers begin to see the risks of the prostitution territories and begin to transpose them into the cyberterritory. Thus, elucidating the power relations in the territory of prostitution in the neighborhood of Glória and in cyberterritory is an important mechanism for understanding the new configurations among travestis and t-lovers in the territories of prostitution.

Keywords: Cyberterritory; Prostitution; Territory; T-lover; Travestis.

Introdução

A sociedade vem experimentando algumas transformações em sua rotina diária, devido às inúmeras mudanças promovidas pelo advento do ciberespaço, espaço tecnológico que tem feito parte do cotidiano de diversas pessoas. Ao compreendermos que o ciberespaço corresponde a uma espacialidade real na vida de muitos indivíduos, observa-se que o mesmo ocorre com muitos *t-lovers*¹, em virtude dos constantes riscos que envolvem os territórios de prostituição de travestis e que podem revelar a sua identidade oculta. Assim, estabelecemos como objetivo central descortinar as relações de poder que envolvem os territórios de prostituição de travestis e os *ciberterritórios* que se localizam no bairro da Glória no Rio de Janeiro

A Avenida Augusto Severo, local marcado pela prostituição de travestis no período noturno, está situada em um bairro de classe média na zona sul do Rio de Janeiro e já teve como principal função estabelecer um elo entre o centro e a zona sul da cidade, suportando, portanto, todo o tráfego dessa região. O nome da Avenida foi dado em homenagem a Augusto Severo que nasceu na cidade de Macaíba, no Rio Grande do Norte, em 11 de janeiro de 1864. Ele exerceu função de professor de matemática no Ginásio Norte-Riograndense, escola na qual chegou a ser vice-diretor, tendo grande preocupação com a ciência, se dedicando em descobrir o modo-contínuo e a segura dirigibilidade aos balões.

O bairro da Glória viveu seu apogeu quando, próximo à Avenida Augusto Severo, foi construído

¹Termo utilizado para se referir a homens que saem com travestis e mulheres trans.

o Hotel Glória, que possui um passado glorioso. Esse hotel foi construído para a Exposição Internacional de 1922, comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, pelo empresário Rocha Miranda, por meio da Companhia de Hotéis Palace, no bairro da Glória, no local do palacete do empreendedor inglês John Russel, o pioneiro dos serviços de esgotos na cidade do Rio de Janeiro. O seu projetista foi Joseph Gire, o mesmo que desenhou o Hotel Copacabana Palace, sendo o primeiro prédio de concreto armado que existiu na América do Sul e erguido com o auxílio de engenheiros alemães.

Embora, atualmente, o hotel esteja em desuso, devido a sua proximidade com o centro financeiro e político da cidade do Rio de Janeiro, o Hotel Glória sempre abrigou grandes artistas do cinema, cantores, políticos e chefes de Estado como o fundador da Varig, Rubem Berta, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, a cantora Dolores Duran e as atrizes Cacilda Becker e Ava Gardne.

Além do Hotel Glória, também poderíamos destacar a Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro, construída no século XVIII, a Praça Paris ou até mesmo a Igreja Positivista do Brasil, todas situadas na proximidade da Avenida Augusto Severo. As ruas que outrora foram ocupadas pela aristocracia, no transcurso das décadas assumem os sentidos de fim nelas mesmas, quando são apropriadas pelo mercado, delimitando relações de poder que configuram verdadeiros territórios dominados por diversos atores sociais ao longo de 24 horas. Nesses territórios cíclicos ou móveis, o “comércio do corpo” é efetivado através da presença de travestis, *t-lovers* e pequenos comerciantes no período noturno, enquanto, durante o dia, podemos observar presença de um modesto comércio, vendedores ambulantes e flanelinhas².

A partir de Ribeiro (1995), constatamos que o território de prostituição corresponde a um espaço demarcado pelas travestis para o comércio do corpo durante uma parte do dia, mais especificamente o período noturno. Ao ocuparem as calçadas da Glória, as travestis trazem consigo símbolos e signos que possibilitam a construção de um território para a prática da prostituição, estabelecendo os *insiders* e os *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Através de quinze trabalhos de campo no território de prostituição, entre 2011 e 2019, foi possível observar que este é marcado por uma grande ambiguidade. Ao mesmo tempo que o recorte espacial é considerado por muitas travestis¹ como algo marcado pela violência e abjeção, de forma sincrônica muitas delas trazem em suas falas que esses territórios possibilitam a construção de redes de solidariedade as quais corroboram para o aprendizado e perpetuação dos códigos linguísticos e gestuais presentes no próprio território da prostituição.

² Guardadores de carros que atuam nas ruas da cidade do Rio de Janeiro e em diversas cidades do Brasil

Embora o território tenha refletido certa homogeneidade, as disputas internas são constantes e a rua pode ser vista como uma “vitrine”, pois os corpos considerados abjetos se tornam constantemente vítimas de uma sociedade machista, sexista e homofóbica. Por isso, muitas *t-gatas*³ trazem em seus corpos marcas de violência, conforme observamos no corpo da travesti Frozen⁴ em abril de 2011, que ao tirar a parte superior do vestido nos mostrou as cicatrizes provocadas por um homem o quala agrediu jogando ácido em seu corpo após a realização de um programa. Segundo ela, “diversos *t-lovers* são violentos pelo fato de muitas vezes o gozo do *t-lover* é carregado de culpa e não aceitação”. O relato de Cinderela também merece atenção, pois de acordo com a travesti, uma vez, na Augusto Severo, ao aceitar um programa, foi levada para uma favela no município de Duque de Caxias, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e lá foi roubada, violentada sexualmente e queimada com pontas de cigarro. Dessa forma, ao se exporem nas “vitrines” do comércio do corpo, o apedrejamento é um risco iminente e a violência é um fantasma presente no cotidiano de todas.

Esse medo também deixa em alerta os *t-lovers*, que de uma forma geral são homens casados, têm filhos e trabalham formalmente, ou seja, defendem a masculinidade hegemônica e vivem a identidade *t-lover* de forma oculta, sobretudo porque eles não trazem em seus corpos as marcas dos seus desejos e atrações. Por isso, além de pagarem pelo ato sexual e pela satisfação dos seus desejos, os *t-lovers*, de forma subjetiva, também pagam pelo silenciamento da *t-gatas*. Considerando que a perspectiva de gênero ainda reproduz aspectos estruturalistas, grande parte dos amantes de *t-gatas* evitam a todo o custo se envolverem em algum escândalo durante os programas, uma vez que a confusão pode envolver agentes policiais, o que poderia revelar para a família e os amigos seus desejos por corpos considerados abjetos por uma parcela considerável da sociedade.

Através de conversas com *t-lovers*, observou-se que muitos são os casos de travestis que combinam os preços e performances a serem realizadas, porém, após “fecharem negócio” e partirem para a realização do programa, nada do que foi acordado se efetiva entre as quatro paredes e, pior que isso, conforme muitos *t-lovers* relataram, algumas travestis chegam a exigir mais dinheiro ou ameaçam fazer escândalos e envolver a polícia, prejudicando a reputação do “tradicional pai de família”. O silêncio, às vezes, custa caro.

Devido aos constantes riscos e problemas vivenciados por muitos *t-lovers* nos territórios de prostituição, estes passaram a se organizar no ciberespaço, através de fóruns especializados, pois a virtualidade constitui uma espacialidade que possibilita a troca de informações entre *t-lovers*, envolvendo preços do programa, localização de uma travesti na rua ou em privês, preferências durante

³Nome dado por muitos *t-lovers* às travestis.

⁴ Para manter em sigilo a identidade das nossas interlocutoras, optamos por usar personagens femininos da Disney para nos referirmos às travestis. Isso será aplicado ao longo de todo o trabalho

o ato sexual, tamanho do pênis e performances durante os programas. O ciberespaço possibilita aos *t-lovers* dados precisos e, direta ou indiretamente, interferências nos territórios de prostituição.

Considerando que no mundo real o território de prostituição situado no bairro da Glória é controlado por sujeitas as quais protagonizam a territorialidade no espaço considerado físico, ao “transportarem” as diversas nuances da área de prostituição para outra “dimensão espacial” como se efetivam as relações de poder no território da prostituição de travestis no bairro da Glória, uma vez que este passa a ser representando em duas dimensões espaciais? Visando responder à questão que motiva o presente trabalho, foram realizadas entrevistas com seis travestis no território de prostituição do bairro Glória e dez entrevistas com *t-lovers*. Dessas dez entrevistas com *t-lovers*, oito foram realizadas através do ciberespaço e duas presencialmente, em um restaurante situado no bairro da Glória.

Para compreender as falas dos nossos interlocutores, optamos pelo uso da metodologia de análise do discurso, pois, conforme assinala Rocha-Coutinho (2006), as pesquisas de gênero não podem desconsiderar a experiência ou até mesmo o envolvimento pessoal dos pesquisadores. Para a autora, esses elementos são relevantes e incluem emoções e eventos como os experimentados pelos participantes da pesquisa. Após a escolha metodológica, partimos do pressuposto de que não há uma perspectiva neutra, uma vez que o discurso traz consigo trajetórias e ideologias socialmente construídas no consciente ou no inconsciente, principalmente nos estudos de gênero e sexualidade. Nesse sentido, segundo Orlandi, Guimarães e Tarallo (2009, p.42-43), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, levando em consideração as espacialidades nas quais estas se inscrevem, sendo necessário ouvir não apenas o que as pessoas reais dizem de suas vidas concretas, mas também como elas o dizem e porque o fazem de determinada forma.

Visando atingir o objetivo central, no primeiro momento buscamos contemplar a importância do território de prostituição no processo de construção identitária, elemento fundamental para a realização do *trottoir* (andar de prostitutas e travestis ao procurar clientes) para a criação de redes de solidariedade e defesa territorial. Posteriormente, elucidamos a correlação entre o crescimento da violência, o sentimento de medo e o seu impacto nos territórios de prostituição. Por último, e não menos importante, buscamos compreender como o advento do ciberespaço pode produzir novas reflexões sobre o conceito de território, tendo em vista a possibilidade de mudanças e o surgimento de novas relações de poder, a partir do protagonismo dos *t-lovers* no *ciberterritório*.

A Rua e a Construção Identitária: Uma Breve Análise sobre as “zonas de batalha”

Durante a realização de mais um trabalho de campo em 2015, ao chegar à avenida Augusto Severo, não muito diferente das outras vezes, foi possível observar que com o escurecer e o iniciar da noite a dinâmica da rua passa por algumas transformações devido à “reterritorialização” do local por corpos considerados abjetos. O fim do dia representa o momento em que muitas travestis saíam de diversos bairros do Rio de Janeiro e da Região Metropolitana e se deslocavam para a Avenida Augusto Severo para enfrentarem mais um dia de incertezas, lutas e armadilhas na “zona de batalha⁵”.

Tudo indicava que seria um trabalho de campo como todos os demais, com muita conversa, histórias e risadas na famosa “Pizza do Luiz⁶”, representada pela figura 01. No entanto, algo não muito comum despertou o nosso interesse como pesquisadores: uma jovem, que ainda estava iniciando o processo de transição, aparentando ter a idade por volta de 18 anos, ainda com uniforme escolar, tinha acabado de sair da escola, trocara de roupa e iniciara sua exposição no território de prostituição de travestis. Esse fato nos levou a indagar a Cinderela, já que naquele momento era a travesti mais antiga do território de prostituição, pois em 2015 exercia a atividade há 26 anos.

Figura 01: A Pizza do Luiz



Fonte: Os Autores (2011).

⁵ Termo utilizado por travestis para referenciar o território de prostituição.

⁶ Comércio informal que se tornou ponto de encontro entre *t-lovers* e *t-gatas*. Nesse local realizamos diversas entrevistas.

Ao perguntarmos se a dinâmica da rua estava sofrendo transformações, pois em outros trabalhos de campo nunca se presenciou a realização de prostituição de uma pessoa ainda com características masculinas predominantes, prontamente Cinderela respondeu: “ele é meu afilhado, recém-chegado às ruas e com o tempo será linda como a madrinha e aprenderá todos os macetes do território de prostituição”. Além disso, ela destacou que os corpos não são dados pela natureza prontos e acabados, que toda a transformação inicia por uma fase de transição, momento em que ocorre o consumo de hormônios femininos ou até mesmo a utilização de silicone industrial. A partir da fala da “madrinha⁷”, foi possível observar que a rua tem um papel fundamental na busca por um “corpo perfeito”.

Embora uma parcela considerável da sociedade, que se diz conservadora e defensora “da família tradicional”, tente demonizar ou invisibilizar identidades que fogem ao padrão cis-heteronormativo, através do diálogo com algumas travestis, constatamos que a obtenção de um corpo feminino é algo presente desde muito cedo em suas vidas. Isso pôde ser observado a partir do diálogo com Cinderela, Branca de Neve, Sininho e Ariel, pois todas alegaram que sempre se sentiram “diferentes” desde a infância, não somente por sentirem atração por meninos, mas principalmente por sonharem com a feminilização dos seus corpos. Segundo Cinderela, “quando criança adorava me vestir como menina, brincar de boneca e brincar de casinha. Eu não se sentia como os outros meninos”. A travesti Ariel, que nasceu no interior de Minas Gerais e foi criada na “roça”, destacou que “o comportamento masculino era exigido a cada suspiro para não envergonhar a família. Talvez por isso tenha ‘me descoberto’ mais tardiamente, embora desde pequena já soubesse que era diferente. Por isso demorei um pouco para iniciar o processo de transição”.

Através dos discursos, foi observado que, desde muito novas, as *t-gatas* já desafiavam os padrões dominantes cis-heteronormativos, seja por gostarem de meninos ou então por não se sentirem pertencentes a uma perspectiva de gênero dominante, como Ariel afirmou: “sempre tive a sensação de ter nascido no corpo errado”. Ao desafiarem a corporeidade dominante, a violência torna-se algo presente na vida de muitas travestis desde muito cedo. Seja em casa, na rua ou até mesmo na escola, segundo todas as seis travestis entrevistadas, a vida durante a adolescência “foi muito cruel”, pois era preciso negar a si e tentar se adequar aos padrões hegemônicos, principalmente no que diz respeito à masculinidade hegemônica.

Além de ter sido expulsa de casa pelos pais e só ter voltado anos mais tarde, após ter

⁷ Todas as travestis entrevistadas possuem uma madrinha, figura representada por uma travesti considerada antiga, que passa todas as artimanhas da rua ao jovem ainda andrógono em fase de transformação. A madrinha, normalmente, dá as primeiras roupas, apresenta alguns hormônios e até mesmo a pessoa responsável pela injeção de silicone industrial durante a construção dos corpos.

presenteado os pais com uma casa, cujo dinheiro foi obtido a partir da prostituição, a travesti Cinderela também se viu obrigada a parar de estudar por conta da violência sofrida no espaço escolar, pois:

enquanto ainda frequentava o ensino fundamental, em um colégio no bairro da Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro, após mais um dia de aula enquanto eu voltava para minha casa, meus colegas de classe, que eram verdadeiros demônios, começaram a me perseguir e tacar-me cascas de laranja e frutas podres; enquanto eu fugia e tentava se esquivar, as frutas vinham de ‘todos os lados’.

Ao abordar este evento, foi observado que o comportamento brincalhão da travesti foi deixado de lado, dando lugar a algumas lágrimas. Diante da vergonha ao ser alvo das cascas de laranja, a *t-gata* disse que tentou fugir e voltar para casa, mas “as cascas pareciam se multiplicar”, fazendo-a perder completamente a noção de tempo e espaço. Na verdade, à medida que caminhava, as cascas iam caindo e novamente lhe eram atiradas. O preconceito é algo presente desde cedo na vida de muitas travestis.

Além da escola, outra espacialidade merece destaque – o espaço da casa. Muitas famílias, agindo em nome da moral e dos bons costumes ditados por deus-pai em defesa da família tradicional, reproduzem atos de violência e alegam que filho que “nasceu homem deve ser homem”, conforme destaca Ariel. Em todos os discursos das travestis, é possível observar que a presença de desejos desafiantes na adolescência é a principal responsável pela exclusão de diversos indivíduos dos seus lares, sobretudo porque muitas famílias não compactuam com seus membros que realizam relações, a princípio, consideradas pelos familiares como “homoeróticas”. Dessa forma, deixar o lar adquire uma importante conotação simbólica na vida das travestis, uma vez que outras espacialidades passam a fazer parte de suas vidas, principalmente o espaço da rua.

Dessa forma, a rua não é vista apenas como um lugar de passagem, na medida em que abarca a multiplicidade do espaço urbano, suas funções, seus conteúdos e suas singularidades. Ao representar relações simbólicas no plano do vivido, segundo Carlos (2007), afloram as diferenças e as contradições as quais permeiam a vida cotidiana, bem como as tendências de homogeneização e normatização impostas pelas estratégias do poder que subordina o social. No entendimento de Bourdieu (1998), podemos representar o mundo social em forma de um espaço, construído na base de princípios de diferenciações ou de distribuição, constituído pelo mundo das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas para conferir força ou poder em tal universo. Os agentes ou grupos de agentes são definidos por suas posições relativas nesse espaço. Essa dinâmica de poder pode ser estabelecida como lugar o qual possibilita que muitos indivíduos se associem, tendo em vista a realização de um objeto em comum.

A menina, até então, lida como menino, ao deixar o lar tem que se adaptar a uma nova dinâmica, a outras regras, a uma realidade imposta pela “lei da rua”, onde os costumes diferenciados

levam à adoção de variados comportamentos. Ao chegar à rua completamente perdida, o papel da madrinha é fundamental para que a jovem recém-expulsa do lar consiga e inicie a sua busca pela tão sonhada “formosura estética”. Ao ser excluída de casa, abandonar a cidade de Minas Gerais e decidir viver no Rio de Janeiro, Ariel foi amadrinhada por Cinderela que, em troca da fidelidade de Ariel, ofereceu “todo o apoio” necessário e proteção para que ela pudesse sobreviver no Rio de Janeiro e começasse a comercializar o seu corpo nas vitrines da Avenida Augusto Severo. Através do dito e do não dito, ao longo de diversas noites, conseguimos compreender que “o menino” que se prostituía após as aulas era mais um afilhado de Cinderela e que naquele momento iniciava o seu processo de transição.

A rua, considerada por muitos como apenas um espaço marcado pela prostituição durante o período noturno, para as travestis adquire um outro sentido. Para as jovens expulsas de casa, ela pode ser considerada um espaço de acolhida, de troca ou até mesmo como um local em que se mantém relações e se convive com pessoas as quais possuem as mesmas práticas e desejos. Sem nenhum romantismo, para a travesti mais antiga, aquela que acolhe a jovem e a conduz, ao ser admirada e respeitada por muitas travestis mais novas ela consegue manter vivas as relações de poder subjetivas que permeiam o território de prostituição.

O período posterior à saída de casa é marcado por um processo de distanciamento das características masculinas e pela aproximação de atributos considerados femininos. É nesse momento que muitas jovens vislumbram a possibilidade de modificar o corpo para se tornarem mais femininas. As travestis mais velhas são a fonte usual de informações sobre as modificações corporais. A fala de Cinderela retrata muito bem essa perspectiva, pois “ao decidir viver a vida” e “batalhar” nas ruas da Glória, ela estava interessada em ganhar dinheiro e conseguir se manter, mas além disso, também tinha como objetivo “a conquista do brilho e do glamour, não a escuridão da noite”. Para atingir seu sonho, se tornou afilhada da Rainha de Copas, responsável por lhe ensinar as artimanhas do viver diário “na pista” e lhe deu as primeiras roupas femininas (que usava apenas no período noturno), além de apresentar-lhe as pessoas que seriam responsáveis em lhe dar um corpo feminino.

Dessa forma, para as seis travestis entrevistadas, a rua vai muito além do território de “batalha”, constituindo espaços de vivência. Através de Benedetti (2000), constata-se que os locais de prostituição de travestis não podem ser legitimados simplesmente como lugares de aferição de renda, mas também de sociabilidade e de aprendizado, enquanto condição para a instituição de uma identidade coletiva, auxiliando no processo de “montagem do corpo”, período contido entre a transformação do “grupo gay andrógono” ao corpo travesti.

A busca pela beleza feminina é algo constante na vida das travestis e a rua pode ser considerada como o espaço que concretiza um processo iniciado ainda na adolescência para muitas, através de atos mais simples, como roupas designadas compulsoriamente femininas diante do espelho, o ódio aos pelos e, conseqüentemente, a depilação das pernas, a feitura das sobrancelhas, deixando o crescimento dos cabelos e a retirada dos pelos do queixo e do buço. Apesar de importante, essa fase ainda é bastante limitada. Quando essa adolescente é expulsa de casa e entra em contato com a rua, ela começa a “amadurecer” e assim tem início a etapa mais definitiva da sua vida: a utilização de hormônios e a aplicação de silicone. Essa fase é considerada por nossas interlocutoras como um “divisor de águas” na vida de uma travesti, tendo em vista que a partir desse momento o sonho das formas femininas começa a ser mais presente na vida da pessoa e, mais que isso, as mudanças começam a serem vistas por todas que estão a sua volta.

A condição de ser uma travesti, considerando as portas que se fecham, é um elemento crucial para que seu corpo possa estar frequentemente exposto e transformar a rua em uma espécie de “vitrine”, onde, em seus carros, passam, admiram, negociam e realizam o programa. O corpo marcado e marginalizado durante o período diurno em diversas espacialidades é o lócus que seduz e atrai olhares no período noturno, fazendo com que as portas que se fecham durante o dia sejam as pernas que se abrem no período noturno, conforme destaca Joseli Silva em um evento realizado em Rondônia⁸ no ano de 2014.

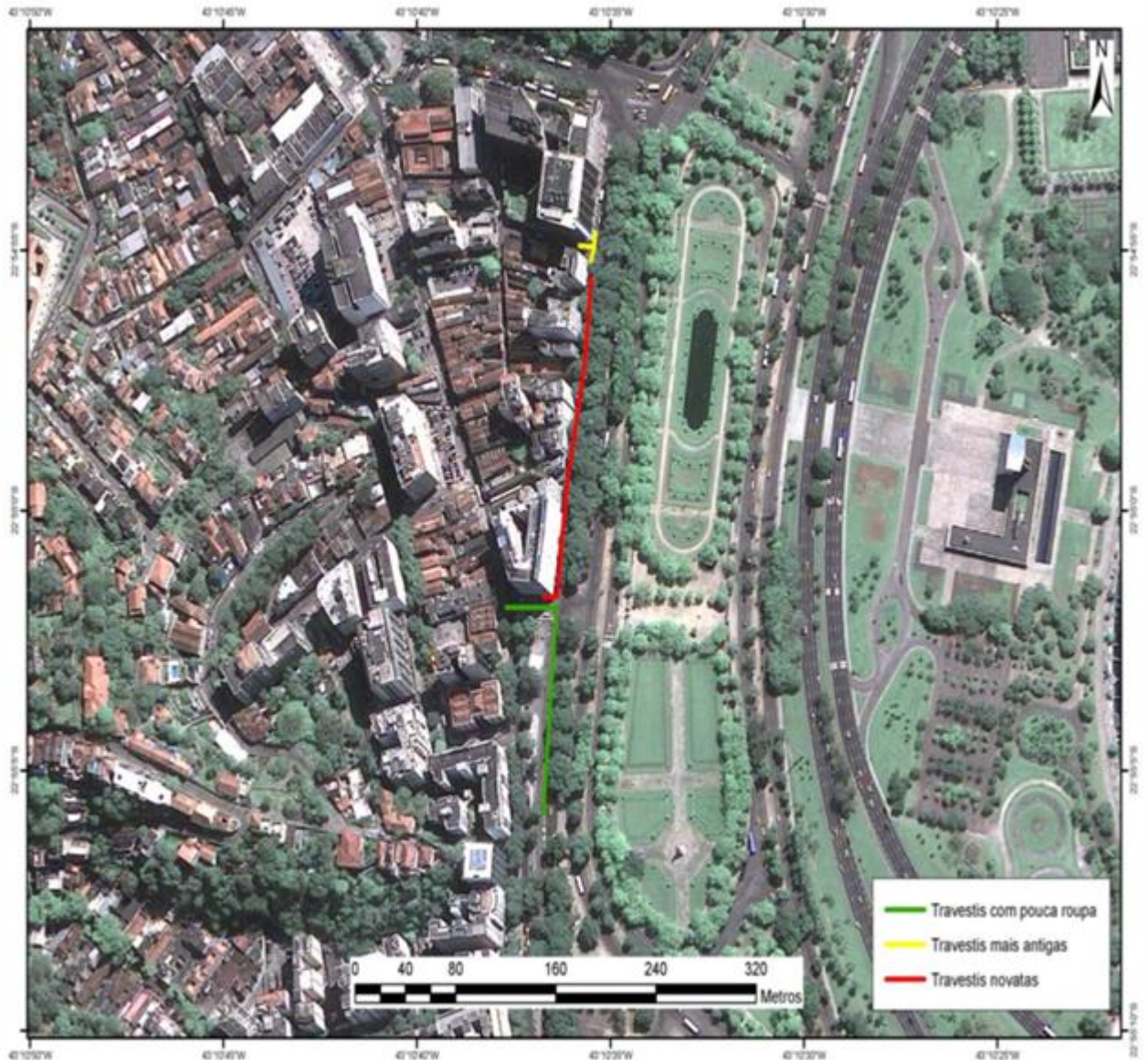
Assim, “tornar-se travesti”, conforme as nossas interlocutoras afirmaram, é um processo que tem como importante elemento a construção do corpo, sendo o cuidado constante com este uma das maiores preocupações. O contato com a rua e a madrinha despertam o desejo de atingir a tão sonhada “perfeição”, que significa se aproximar ao máximo das formas femininas, se tornando bonita e desejável. Em busca dessa imagem, tomam hormônios, afinam seus traços, bronzeiam seus corpos, sempre procurando reverberar a aparência de mulheres glamorosas que se destacam nacional e internacionalmente.

Por isso, a madrinha exerce um papel fundamental no processo de transformação, pois além de emprestar as primeiras roupas femininas e encorajar as novatas a modificarem seus corpos através da ingestão de hormônios, as travestis mais velhas têm noção plena que quanto mais cedo a sua “afilhada” começar a tomar hormônios, melhor será o efeito sobre o corpo e mais aceito e respeitado este corpo será no território de prostituição. A disposição da madrinha em ajudar as “novatas” certamente facilita o ingresso das futuras travestis no universo das “feitas”. Embora não seja impossível a existência de algum interesse financeiro, de participação nos lucros do trabalho da jovem travesti, o

⁸ II Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades.

interesse maior da madrinha parece sempre ser o de retribuição e o de perpetuação de uma estrutura de poder no território de prostituição no bairro da Glória.

Figura 02: Microterritórios de Prostituição



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Para Pelúcio (2009), a demarcação espacial é também moral e passa por jogos de poder pelos quais se determina o local onde cada uma pode ficar e os significados provenientes dessa fixação. Tal fixação não pode ser confundida com imobilização/sedentarização, mas tem a ver com aceitação e compartilhamentos de códigos que circulam e informam. Não só porque a transformação é uma marca da travestilidade, fazendo do “gayzinho de hoje a bela de amanhã” que, por sua vez, pode ser a

bandida ou a europeia⁹, mas também pela configuração permanente dos espaços e manutenção das relações entre poder.

Ao efetivar o projeto de transformação, a madrinha adquire respeito e, ao mesmo tempo, cria redes de dominação que possibilitam o seu protagonismo, poder de intervenção e negociação nas espacialidades marcadas pela prostituição de travestis. Segundo Roberto DaMatta (1987), o espaço é demarcado para o exercício da prostituição, estabelecendo fronteiras a partir da especificidade do uso do local, com a presença de aliadas. A madrinha cria uma rede de solidariedade, trocas e amizade, mas também se torna mais uma forma diante das incertezas e disputas internas no território de prostituição, pois embora este, segundo o senso comum, reflita uma homogeneidade, conforme a figura 02, percebemos que ele é completamente fragmentado e as disputas pelo seu controle são permanentes.

Dependendo da espacialidade vivida pela travesti, seus corpos podem ser aceitos, tolerados ou rejeitados. Em relação à parte do território em que o corpo se encontra, a travesti pode estar no centro, correspondendo ao padrão esperado de seu corpo, ou na periferia das relações de poder, sendo motivo de chacotas, gargalhadas, insultos e até atos de violência física. Logo, os corpos que não correspondem ao que se é esperado para eles no território também sofrem sanções como em qualquer outra espacialidade, pois da mesma forma que o território constitui relações de poder e por estas é composto, posiciona corpos em centro e margem, compondo e sendo constituído por espaços paradoxais (ORNAT, 2010).

Em Becker (2009), foi observado que o território é originado a partir da prática social, um produto “consumido”, vivido e utilizado como meio, sustentando a própria prática social. Nesse sentido, ao se propor pesquisar a prostituição de travestis, verificamos que esse fenômeno se torna um instrumento o qual possibilita a formação de territórios. Assim, compreendemos que as travestis, através do comércio do corpo, exercem seu poder sobre o espaço, fazendo uso deste, política e economicamente, sem deixar de lado as perspectivas do território vivido e usado.

Embora o processo de construção territorial esteja diretamente relacionado ao exercício do poder, através das falas das nossas interlocutoras, compreendemos a utilização deste para além das “zonas de batalha”, uma vez que o espaço é marcado por subjetividades sensoriais, ou seja, é constituído a partir de práticas espaciais e por meio da estrutura cognitiva, influenciando diferentes espaços de representação. Assim, ao mesmo tempo que a Avenida Augusto Severo representa um

⁹ Os termos bandida e europeia foram usados pelas travestis, frequentemente, durante os trabalhos de campo. A palavra bandida era utilizada para se referir às travestis que cometiam delitos durante os programas, já a europeia era utilizada para fazer referência às travestis que realizaram programas na Europa e voltaram para o Brasil gozando de um certo status que possibilitava a valorização dos programas.

espaço marcado por lutas cotidianas, podendo ser considerado um espaço dos conflitos, também pode ser conhecido como o lócus dos processos cognitivos, das representações sociais, da poética urbana que escreve suas marcas no espaço.

A Violência Urbana e a Prostituição de Travestis: O Ciberespaço, Novas Perspectivas Territoriais e o Protagonismo dos T-lovers

No atual contexto da sociedade brasileira, muitas pessoas que se autodenominam “cidadãos de bem” vêm defendendo com veemência a existência de uma “república teocrática”, repudiando e atacando qualquer identidade que divirja da criação binária de “deus-pai”. Pode-se observar diariamente que em nome de uma suposta racionalidade se cometem atos irracionais que buscam a eliminação de todas/os que são consideradas/os “diferentes”, de todas/os aquelas/es que desafiam os pressupostos cristalizados de gênero e sexualidade.

Em junho de 2011, em uma entrevista à Revista Playboy, o atual líder do executivo afirmou que “seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido¹⁰”. Embora esse infeliz pronunciamento tenha sido realizado há quase 11 anos, hoje ele encontra-se mais vivo que nunca, pois gays, mulheres trans¹¹ e travestis continuam sendo vítimas “de acidentes” que reverberam o nível de violência que toma conta de diversas cidades. A urbe vem se tornando cada vez menos “tolerante” e micropoliticamente repartida devido ao crescimento da violência.

Ao olhar o comportamento da sociedade em nossas principais metrópoles, a perda da capacidade de abrigar as diferenças se materializa na forma como os espaços urbanos são organizados. Através do desenho urbano, retrata-se a existência de múltiplos territórios, demarcando limites e estabelecendo a noção de pertencimento e não pertencimento, existência e coexistência. Inúmeras obras que tocam em um ponto crucial para o estudo da cidade contemporânea, vindas da geografia, arquitetura, literatura, das artes plásticas e do cinema. Essas obras, muitas vezes, de forma interdisciplinar, tratam dos perigos existenciais, em especial das dificuldades de conviver como “Outro”, de conseguir dividir o mesmo espaço, tendo em vista os interesses divergentes e conflitantes.

¹⁰Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/>. Acesso em: 03 fev. 2021.

¹¹ As transexuais dominam uma linguagem médico-psicológica refinada, apoiam-se em escritos científicos dessas disciplinas (...), evidenciam as diferenças entre sua condição e a das travestis por meio de argumentos e razões fundamentadas nas noções de patologia e desvio, creem-se doentes e deduzem que o tratamento e a cirurgia podem ser o instrumento de correção ou de ajustamento de seu corpo à sua personalidade. Essas concepções estão relacionadas à origem de classe. As informantes que se auto identificam como transexuais, possuem, via de regra, maior escolaridade; têm, portanto, acesso a bibliografias técnicas sobre o assunto com mais facilidade e situam-se mais próximas socialmente das explicações institucionais e científicas sobre a questão. (BENEDETTI, 2006 p. 113).

A dificuldade para compartilhar o espaço com identidades “divergentes” faz com que homossexuais, mulheres trans e travestis se tornem vítimas constantes de atos de violência, conforme destacam Carrara e Vianna (2006). Nas grandes metrópoles brasileiras, sujeitos cuja identidade ultrapassam as matrizes heterossexuais (suposta ou certa), mais evidente através da exibição ou incorporação de atributos de gênero não conformes ao sexo designado compulsoriamente no nascimento, são proporcionalmente mais atingidos por diferentes modalidades de violência e discriminação. A desestabilização provocada por sua performance de gênero, constantemente associada a um conjunto de estereótipos negativos em virtude do modelo cis-heteronormativo, torna as travestis em vítimas preferenciais de violência transfóbica em diferentes contextos. Dessa forma, vê-se nas grandes cidades não apenas as modificações causadas pela urbanização crescente, mas transformações que acontecem em virtude da diminuição da solidariedade e, por consequência, o crescimento da intolerância.

As diferenças, em vez de transformarem-se em riquezas – do ponto de vista cultural e social – tornam-se instrumentos de separação. A distância em relação àqueles considerados divergentes aumenta e tudo isso fica evidente pela presença dos muros reais ou imaginários. As marcas corporais são constantemente acionadas para sinalizar inferioridade e subalternidade de um grupo ao outro, não para refletir a vocação humana de viver uma sociedade marcada pela diversidade, pela pluralidade.

Ao constituírem um território para o exercício da atividade de prostituição, embora existam possibilidades de riscos durante a realização de um programa, nele as travestis encontram-se mais protegidas das intempéries que permeiam o tecido urbano. Porém, o mesmo não acontece com *t-lovers*, uma vez que, ao se exporem nos territórios de prostituição, não possuem os mesmos mecanismos de defesa que as travestis e acabam se submetendo a múltiplos riscos – escândalo, roubo, furto – e perigos que envolvem a realização de um programa.

Desde 2018, foi possível verificar uma grande mudança no território de prostituição a qual consiste na redução do número de mulheres trans e travestis que expõem seus corpos aguardando clientes para a realização de programas. Ao indagarmos a nossa interlocutora Rapunzel, em 2019, sobre a queda do número de *t-gatas*, ela nos disse que “a rua não é mais a mesma, rua antigamente era disputada e aqui vivíamos o glamour das noites da Glória, hoje muitas meninas estão atendendo em privês devido crescimento da violência. Nunca sabemos o que irá acontecer e a cada programa sinto que corro riscos e tenho muito medo, mas fazer o que? Essa foi a vida que escolhi”. A partir da fala da travesti Rapunzel, observamos que o crescimento da violência tem se dado na mesma proporção que o sentimento de insegurança e temor, inclusive nos territórios de prostituição, pois,

conforme destacou a travesti Branca de Neve: “antigamente a rua era segura, atualmente não me sinto segura nem na rua. As coisas mudaram”.

A pizza do Luiz que foi um importante ponto de encontro entre *t-lovers* e travestis deixou de existir, pois o crescimento da violência e o sentimento de medo têm afastado os *t-lovers* da rua e a tornado menos atraente para as travestis que “batalhavam” nas ruas do bairro da Glória. O sentimento de medo é algo permanente e constante, influenciando nas expectativas e escolhas dos sujeitos e sujeitas que vivenciam o território de prostituição. Para Borges (2012), os sentimentos e as emoções têm como objetivo auxiliar as pessoas a classificar, conhecer e perceber as coisas do mundo real, corroborando as formas como os indivíduos são afetados diante das representações sociais.

O medo faz com que os indivíduos fiquem em estado de alerta. Segundo o *t-lover* Encantado, atualmente, “ao andar à noite em uma área de prostituição deserta e escura, é natural ficar com medo da presença de um estranho em atitude suspeita. A Augusto Severo não é mais a mesma”. A certeza de que a rua não é mais a mesma é algo presente nos discursos de travestis e *t-lovers*, já que ambos trazem em suas falas a expectativa constante de que alguma coisa de ruim irá acontecer, fazendo-os viver em constante estado de alerta. Esse é um dos motivos que tem levado à decadência de um dos mais antigos e importantes territórios de prostituição de travestis do Rio de Janeiro.

Diante do medo e do crescimento da violência, os espaços públicos tornaram-se vítimas do que se poderia chamar de “síndrome da cidade vigiada”. Para Souza (2008), a “cidade vigiada” ou “monitorada” caracteriza-se pela disseminação e diversificação de aparatos de proteção e controle, tanto em espaços públicos quanto em espaços privados: as câmeras de vídeo são apenas o exemplo mais conhecido. A necessidade de segurança torna-se viciante, pois as pessoas descobrem que, embora a tenham, isso nunca será suficiente e que de modo muito semelhante ao que acontece com a droga que vicia, uma vez tendo se acostumado, a pessoa não pode passar sem ela.

Todo desenvolvimento tecnológico certamente é produto de relações culturais, sociais e políticas. Nesse sentido, todos os dispositivos e sistemas exibem tendências morais, não um comportamento moral em si, mas uma direção moral. A tecnologia não somente determina as coisas, ela restringe, mas também possibilita novas experiências. Por isso, a internet, com sua virtualidade, tornou-se uma extensão da vida em diferentes modalidades, criando acessibilidade a múltiplos locais, favorecendo a integração e o diálogo constantes entre diversificadas pessoas que compartilham de posicionamentos semelhantes ou, até mesmo, fantasias condenadas socialmente e moralmente. Através do contato com o mundo virtual, observamos que o território de prostituição de travestis não estava entrando em extinção, mas se inserindo em uma nova dinâmica, onde os *t-lovers* passam a exercer maior influência sobre um espaço anteriormente controlado pelas travestis.

Neste caso, ao considerar o *t-lover* como sujeito *insider* nos territórios de prostituição de travestis, Ornat (2011) contribui para o despertar de novos olhares sobre as “zonas de batalha” e, conseqüentemente, a necessidade de se contemplar o território a partir de outros olhares e em outras dimensões espaciais. Entrevistar os *t-lovers* foi crucial para que pudéssemos compreender as novas complexidades do recorte espacial supracitado. No entanto, como poderemos entrevistar sujeitos que em sua maioria são casados, reproduzem os aspectos adotados pela masculinidade hegemônica e mantêm relações sexuais com travestis?

O Ciberespaço e o Protagonismo dos T-lovers: Novas Relações de Poder nos Territórios de Prostituição de Travestis?

Logo de início, constatamos que seria inconveniente qualquer tentativa de abordagem aos *t-lovers* na Avenida Augusto Severo, pois dificilmente algum *t-lover*, que mantém a sua identidade oculta, aceitaria ceder entrevistas. Diante das dificuldades de dar continuidade à pesquisa, observamos que o melhor seria a realização das entrevistas através do “Fórum Elite Acompanhantes¹²”. Assim, realizamos oito entrevistas através do ciberespaço e, para a nossa surpresa, duas presenciais em um restaurante no bairro da Glória, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Após algumas conversas com interlocutores ao longo dos últimos seis anos, sem reproduzirmos uma construção essencialista, foi constatado que esse grupo, de uma forma geral, se autodefine como homens heterossexuais que se sentem atraídos por travestis ou mulheres trans e que, segundo eles, formam o chamado “terceiro gênero”, ou seja, a “mulher perfeita”, uma vez que esteticamente possuem formas femininas com “algo a mais” que os preenche, pouco importando a posição dos corpos durante o ato sexual.

Através do convívio e da proximidade com diversos *t-lovers*, identificou-se que o desejo pelas *t-gatas* não poderia jamais ser reduzido a uma simples atração. O *t-lover* Eric, que tem 29 anos e reside em Nova Iguaçu, revelou durante uma conversa que “chegou a montar casa e viver integralmente com travesti”. Além dele, destaco a fala do *t-lover* Kristoff, que possui 31 anos, mora em Nilópolis e alugou uma casa no município de Mesquita, constituindo uma espécie de “segunda família” com uma travesti. Através dos discursos, observa-se que, em ambos os casos, alguns *t-lovers* constroem laços de afeto e veem as travestis como sujeitas com as quais podem estruturar relações mais duradouras, demonstrando que o contato pode ir além da busca por satisfação dos desejos sexuais.

¹² O Fórum Elite Acompanhantes está hospedado no site <https://eliteacompanhantes.com.br/forum/index.php>. De acordo com Pimentel, Barbosa e Silva (2011), o Fórum é controlado pelos *t-lovers*. Os moderadores globais possuem o poder de definir as regras de comportamentos e administram os possíveis conflitos entre *t-lovers* ou entre *t-lovers* e *t-gatas*. Nesse espaço, os *t-lovers* utilizam apelidos e narram, frequentemente, as características dos programas realizados com as travestis.

Não há dúvidas de que esses dois *t-lovers* fogem à regra em relação aos outros oito entrevistados e dezenas de *t-lovers* que tivemos contato através de grupos de *WhatsApp* ou em festas organizadas por eles. Para a maioria dos *t-lovers*, a relação constante ou periódica é economicamente vantajosa e preferem a realização de programas sem envolvimento emocional. Isso pode ser observado através da fala do *t-lover* Aladin, pois segundo o interlocutor, “a manutenção do casamento deve ser uma luta diária e constante, mesmo que os reais momentos de prazer e satisfação sejam obtidos na companhia de travestis. É melhor pagar, obter prazer e chegar em casa feliz”.

Apesar de muitos *t-lovers* caracterizarem as *t-gatas* como o “terceiro gênero”, que grosseiramente remete à ideia de “mulheres com pau”, fica evidente que as formas femininas e atributos específicos das *t-gatas* são permanentemente exaltados. Por isso, consideramos importante destacar que a identidade *t-lover* muito se distancia daquela homossexual, pois, de acordo com os relatos, grande parte dos amantes “t” não se relacionaria com homens e ainda enfatiza o não interesse por pessoas do mesmo gênero. É importante o cuidado para que não sejam reproduzidos elementos que exaltem a masculinidade dominante, essencializando a identidade dos *t-lovers*, associando-os simplesmente à gays, exaltando, dessa maneira, a masculinidade hegemônica, conforme destacam Pimentel e Barbosa (2020).

O *t-lover*, ao realizar um programa com uma travesti, além de pagar pelo prazer que obtém durante o ato sexual, paga caro pelo silêncio das *t-gatas* que se prostituem. Esse silêncio é importante para que o *t-lover* continue a manter sua identidade sob sigilo. Nesse sentido, o *t-lover* Aladin alega o seguinte: “sou casado e tenho duas filhas, já saio com travestis há mais de 20 anos. As pessoas nem sonham em saber disso. Por isso eu tô sempre saindo com diferentes travestis, para não criar intimidade e não colocar minha vida em risco”. Seguindo a mesma perspectiva, o *t-lover* Eugene alega que “nem em sonho eu posso ser descoberto, pois isso destruiria completamente a minha vida”.

A quebra desse silêncio poderia ocorrer de duas formas: o *t-lover* ser visto nos territórios de prostituição por alguma pessoa conhecida ou o seu envolvimento em algum escândalo, brigas com travestis nas “zonas de batalha”. Para evitarem serem vistos nos territórios de prostituição, de uma forma geral, os *t-lovers* realizam programas em áreas afastadas da sua residência ou escolhem a realização de programas através da indicação de outros *t-lovers*. Por conta desse medo, muitos *t-lovers* são vítimas de travestis consideradas bandidas por outras que “batalham” honestamente e perdem elevadas quantias em dinheiro para evitar a detenção em uma delegacia devido à possibilidade de briga com uma travesti que alegou não ter recebido o valor combinado pelo programa. Por isso, pode-se afirmar que o *t-lover* paga pelo prazer e também pelo silêncio, mesmo que, às vezes, o preço seja alto.

Devido às incertezas que marcam o território de prostituição de travestis e pelo medo de ter a sua identidade descortinada, antes de partir para a caça¹³, o *t-lover* constantemente busca informação sobre a *t-gata* desejada na internet. O ciberespaço representa uma nova forma de se relacionar com os territórios de prostituição e, conforme aponta Lévy (1999), se tornou uma extensão da vida em diferentes modalidades, criando acessibilidade aos múltiplos espaços pertencentes ao nosso cotidiano. Na mesma perspectiva, observamos que para Castells (2003, p.195),

ambientes físicos e cenários virtuais funcionarão de maneira interdependente e na maioria das vezes se complementarão mutuamente dentro de padrões existentes. Algumas vezes usaremos redes para evitar de ir aos lugares. Outras, porém, continuaremos indo a lugares para nos interconectarmos.

Para os *t-lovers*, o advento da internet propiciou o crescimento do contato com o “mundo t”, o ciberespaço possibilitou que pessoas desconhecidas de qualquer lugar do globo pudessem manter contato e se organizar em grupos. Trata-se de um local onde as delimitações geográficas podem ser reconfiguradas a partir de perspectivas políticas, religiosas ou raciais. As pessoas aderem a movimentos, a grupos que interagem entre si, de acordo com seus interesses e afinidades. Para Lévy (1999, p.20),

uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades.

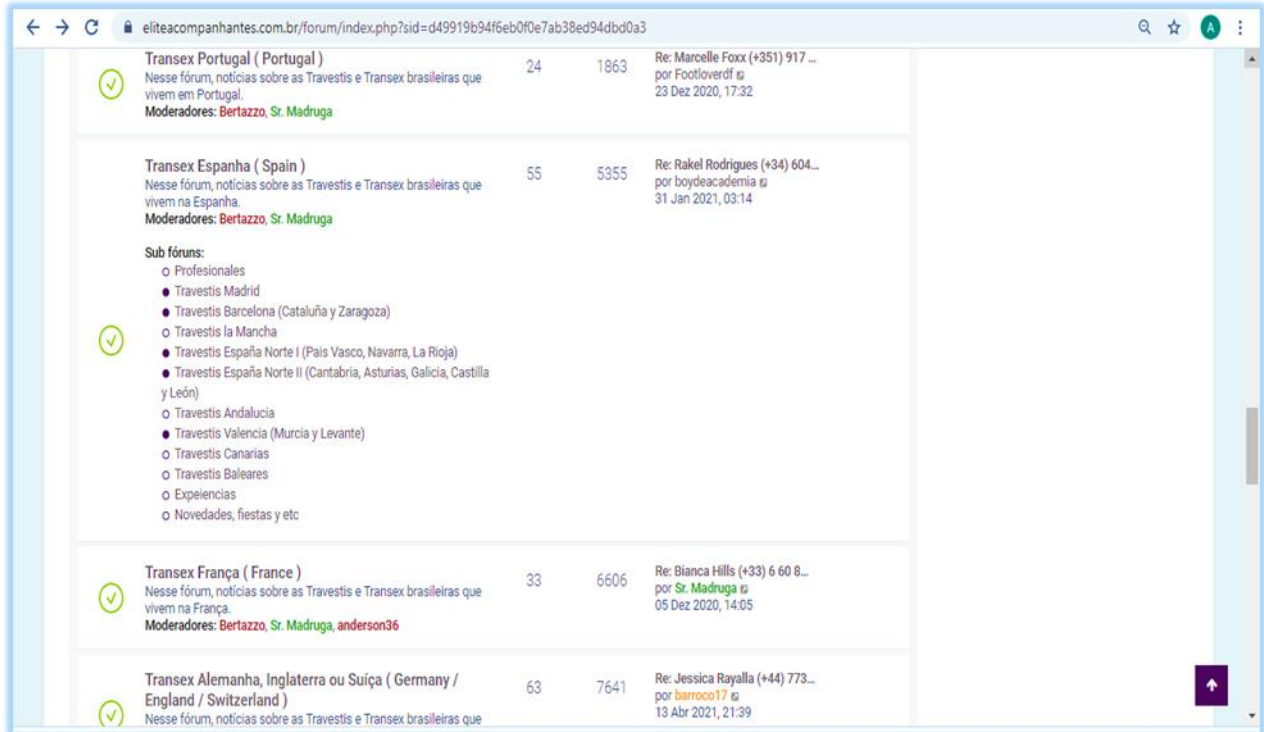
Através do “Fórum Elite Acompanhantes”, destacado através da figura 03, observa-se que a internet consegue unir pessoas *t-lovers* de qualquer lugar do planeta e organizá-las como grupos que compartilham informações em comum. A aproximação entre os membros da comunidade, no contexto atual, não ocorre somente através do computador doméstico, pois novas tecnologias foram desenvolvidas de modo a possibilitar uma conexão constante e contínua com o “espaço virtual”. Assim, no atual contexto, podemos permanecer entre os membros da comunidade a quantidade de tempo que desejarmos ou tivermos disponível.

Embora o sentimento e a necessidade de pertencer a algo seja presente na vida de todos os indivíduos, para o *t-lover*, sujeito que reproduz a masculinidade hegemônica nas mais diferentes espacialidades e mantém ocultos os seus desejos por travestis, pertencer a uma comunidade e ser aceito pelos demais em um ambiente de maior segurança (virtual) representa a possibilidade de expressar opiniões e interagir com os demais integrantes do grupo. Ao se tornarem menos inibidos para colocar suas opiniões a respeito dos programas realizados com travestis, os *t-lovers*, além de realizarem relatos e classificarem as travestis como “Lista Negra (LN) ou Lista Branca (LB)”, estão

¹³ Termo utilizado pelos *t-lovers* quando vão para o território de prostituição ou privê realizar um programa com travesti.

inseridos em uma perspectiva de racismo estrutural, ou seja, o branco presta, mas o negro não. Diante disso, de acordo com o andamento do programa, eles também possuem a capacidade de espacializar a prostituição de travestis no Brasil e no mundo, conforme a figura 03.

Figura 03: Fórum Elite Acompanhantes



Fonte: Fórum Elite Acompanhantes. Acesso em: 20 mai. 2021.

Ao utilizar o “Fórum Elite Acompanhantes”, o *t-lover* consegue obter detalhes sobre o seu objeto de desejo, informações estas que vão desde a localização do privê ou espaço em que a *t-gata* está batalhando até detalhes íntimos de *t-lovers* que já realizaram programas e optaram pela exposição de fotos íntimas ou pela realização de relatos expondo todas as performances da travesti durante o programa. Para Keen (2012), aparentemente, tudo o que se quer fazer na rede, como indivíduos, é partilhar com os milhares de amigos *online* a reputação, os itinerários de viagem, os planos de guerra, as credenciais profissionais, as doenças, confissões, fotografias da última refeição, os hábitos sexuais e até o paradeiro exato. A sociedade em rede se tornou um “bacanal” transparente, uma orgia de superpartilhamento, um amor de verão digital interminável.

Ao realizar uma correlação entre a virtualidade e o cotidiano da atividade de prostituição, foram constatados novos contornos da Avenida Augusto Severo. As dinâmicas da rua, lidas a partir dos “territórios flutuantes”, abordados por Souza (1995), passam por algumas transformações à medida que são atravessadas pelas tecnologias e possibilidades do contato virtual, conforme destaca a figura 04. Pela internet, os homens que gostam de travestis podem desfrutar de um sentimento de adequação

e normalidade, sem sofrer questionamentos de ordem heteronormativa.

De acordo com a figura 04, nesses territórios virtuais pode-se enxergar diversos elementos que envolvem a prostituição de travestis, o que possibilita a troca segura e confiável de informações. Além disso, permite que o fórum consiga informar aos *t-lovers* as diversas características sobre o programa realizado com uma travesti, as formas de negociação dos valores do programa, o local exato em que uma determinada travesti se encontra no “espaço real”, motéis onde os programas podem ser concretizados, os comportamentos e as preferências sexuais das travestis, entre outras informações que envolvem o comércio do corpo.

Figura 04: Virtualização dos Territórios de Prostituição de Travestis no Rio de Janeiro



Local	Postagens	Repostagens	Última Postagem
TGatas da Estrada do Pau Ferro (Jacarepaguá) Rio - RJ por tom carlioca	385	31097	por malandroja 07 Abr 2021, 14:11
TGatas Praça do Ó (Barra da Tijuca) Rio de Janeiro - RJ por rarasara	1478	72242	por Virgem de 40 anos 05 Abr 2021, 23:46
TGatas Ilha do Governador Rio de Janeiro - RJ por ilhahot	583	26905	por ilhahot 04 Abr 2021, 09:30
TGatas Campo Grande e Região (Zona Oeste) Rio - RJ por SWELL	619	35530	por Adriana Lancaster 30 Mar 2021, 21:59
TGatas Petrópolis - RJ por Alexandre-rio	315	13807	por JonasNe 26 Mar 2021, 18:31
TGatas Recreio dos Bandeirantes (Av. Gilka Machado) Rio-RJ por robertocelho	954	80348	por DimitryTL 15 Mar 2021, 10:26
TGatas Av. Augusto Severo (Lapa/Glória) Rio de Janeiro - RJ por Minko	3583	344249	por Sr. Madrugá 03 Feb 2021, 20:20
Tgatas Vicente de Carvalho. por digeao	16	2862	por JúlioCesar 06 Dez 2020, 16:18
T-Gatas em Barra Mansa, Resende e região ? por Roberto2000sp	138	8776	por Estevam Armani 17 Nov 2020, 23:12

Fonte: Fórum Elite Acompanhantes. Acesso em: 20 mai. 2021.

Para melhor visualizarmos a correlação espacial entre mundo virtual e real, apresentaremos algumas postagens de um *t-lover* do fórum no tópico “Augusto Severo (Lapa/Glória)”, contido na figura 04. Nas postagens abaixo¹⁴, podemos constatar que os *t-lovers* estabelecem um diálogo e procuram informações sobre uma travesti específica e, para isso, falam sobre as características dos programas e sobre a espacialidade ocupada pelo seu corpo no território de prostituição. Debate:

T-LOVER FERA

Alguém conhece uma q estava de vestido branco com preto. Corpo escultural.??? Estava na rua de cima.

Alguém tem informação de uma tal de Maçã. que estava também na rua de cima. Hoje estava de calcinha ou short vermelho. Ontem estava de short branco. Ela fica quase lá no sinal da rua de cima.

¹⁴ Optou-se pela manutenção original do diálogo, sem as devidas correções ortográficas. Para preservar o nickname utilizado no fórum, usou-se nomes fictícios.

T-LOVER FLYNN RIDER

Sai com uma paulista chamada Banana. Loira, olhos verdes, magrinha, corpo de menininha, 1,70 de altura aproximadamente. Ela faz ponto na rua da gloria, perto de uma ladeira que da na AS. Pior programa que já fiz. Não beija na boca, não deixou eu fazer oral nela, super antipática, parecia uma boneca inflável. Simplesmente horrível. Cobrou cem reais e não fiquei nem 10 minutos no motel. Lista negra.

T-LOVER ABU

CAROS FORISTAS,

Nestas 3 últimas noites passei pela área da AS, bem perto do sinal da esquina da rua da Glória com Cândido Mendes, não pude deixar de notar uma bela morena, de cabelos lisos, usando um micro fio-dental, mostrando uma bunda D-E-L-I-C-I-O-S-A, perfeita, que deu água na boca! A menina era linda!

Não parei porque essa delícia, nas 3 vezes que passei, estava conversando com o mesmo camarada!

Alguém sabe quem é?

T-LOVER TAPETE MÁGICO

Amigos, vou dar um conselho abandonem a vida de T Tlover,

Recebi um telefonema de um cliente, que informou " ter confundido " a Trans com menina na Gloria, devia estar a caminho da AS, que chegou a perguntar se era mulher, chegando ao motel pagou R\$ 100,00 e logo em seguida ela mudou de voz, e exigiu 500 para nao fazer escândalo, trancou meu cliente no quarto, ele nao tinha nem como sacar 500 reais na madrugada, e ela mandou o hotel chamar a Policia.

Chegando a PM, meu amigo teve a impressão, meramente subjetiva que os Pms e a menina já se conheciam Meu cliente acha que entendeu errado, e deve ter sido errado mesmo, mas o PM disse que era 1.500,00 reais, a noite de meu cliente durou de 00:00h até 6:00h, passando constrangimentos e recebendo ofensas da trans.

Meu cliente teve pavor dos PMs... E conheço muito bem ele, pessoa educada, incapaz de levantar a voz

A Trans acusou ele ter comido ela sem camisinha, solicitei que ela fosse para o IML para constatar, ai ela disse que "ele não meteu", (Comeu sem sequer meter ou gozar em cima ?????)

Ela realmente era bonita, magra, alta , loura.

Depois do sufoco que vi meu cliente passar, Trans, nunca mais.....

Meu cliente sequer encostou na Trans.

Frequentem uma igreja, façam terapia, mas não corram riscos desnecessários, tanto por parte da Trans e especialmente de quem deveria garantir a segurança

Perdeu Dinheiro e passou desespero, acabou por ter que ser medicado para Pressão

Acho que se eu ver um trans, saio correndo

Peço desculpas as muitas que trabalham direito, mas vocês deveriam denunciar os bandidos e quem se junta com eles, mesmo que seja policiais, para o Disque Denuncia 22531177, anonimamente, vão acabar perdendo muitos clientes se isso continuar...

Vou procurar um Psicologo, Psiquiatra, Pastor, não quero nunca passar pelo que ele passou ... E poderia ter sido pior

Peço ao moderador que exclua definitivamente meu perfil, se for possível, mantenha a mensagem.....

T-LOVER SIMBA

Obrigado pelo relato. Mas seu cliente não teria mais informações sobre essa trans. Seria importante que nós soubéssemos quem é essa pilantra para nunca nem passarmos perto. Se ele nunca tiver visto um anúncio dela em sites de encontro talvez ele possa falar alguma característica marcante dela, talvez ela se pareça com alguma artista ou modelo, tenha tatuagens, possua algum trajeito ou sotaque. Alguma informação como essa pode evitar que algum de nós passe por um pesadelo como esse. Que seu cliente consiga se recuperar psicologicamente desse trauma. ABS

TRAVESTI UVA

Ruim mesmo é pra nós profissionais do sexo, que estão ali todos os dias ser igualada com um marginal, e não acho que podemos falar que todas não prestam ou que são ladras ou vão extorqui, ainda existem meninas sinceras, honestas e lindas como muitos saem , mas muitas vezes eu vejo que muitos procuram ,de vez de sair com a que conhece , com a que

gosta sai com outra que visivelmente se vê à má caráter. Bjs¹⁵

Através do relato, observa-se que, diante das inseguranças dos *t-lovers*, o espaço virtual funciona como uma bússola a qual orienta o sujeito em direção a programas mais seguros, que não causem prejuízos econômicos ou desgastes psicológicos. Para Lévy (1996), a virtualização do espaço representa uma guerra contra programas que proporcionam dor e medo, ao invés de prazer. Em busca da segurança e de informações precisas sobre os corpos que ocupam o território de prostituição, os *t-lovers* fazem do virtual uma realidade cotidiana, porque este espaço os leva para “regiões” onde os perigos ordinários não os atingem e possibilita a fuga de possíveis armadilhas e intempéries, de modo a evitar o que aconteceu com o *t-lover*, que foi extorquido por travestis e pelos policiais militares. Nesse caso, o ciberespaço adquire o caráter de lócus responsável pela troca de informações e pelo aumento da segurança para a concretização de programas com travestis. Ao virtualizar o espaço, tem-se a constante troca de informações entre *t-lovers*, contribuindo para que estes compreendam a organização, a dinâmica, as armadilhas e os riscos em diferentes territórios de prostituição de travestis situados no Brasil e no mundo.

Com o advento do ciberespaço, observa-se o surgimento de novas perspectivas territoriais influenciadas pela semiotização. Essa palavra pode ser compreendida como novas formas de simbolização do território no ciberespaço, ou seja, é um mecanismo que promove novas articulações espaciais, corroborando com a perspectiva de Bourdieu (1998). Para esse autor, o território pode ser compreendido como uma apropriação simbólica de determinado espaço, não necessariamente um físico, mas também a partir de fóruns marcados por normas e regras que reproduzem uma estrutura de poder através do ciberespaço, possibilitando a territorialização de travestis através de outros sujeitos.

Ao se pensar a partir da semiótica, é possível compreender que o ciberespaço promove importantes transformações no território de prostituição de travestis. Se “tradicionalmente” o território é estabelecido e dominado pelas *t-gatas* no período noturno, a virtualidade cria um contraponto e efetiva novas estruturas de poder, completamente dominada pelos *t-lovers* através do “Fórum Elite Acompanhantes”. Isso pôde ser visualizado através do georreferenciamento dos corpos das travestis no território de prostituição, ou seja, a localização exata de uma travesti considerada Lista Branca ou Lista Negra e a sua indicação ou não a outros *t-lovers*, possibilitando o que se pode denominar de *ciberterritórios* – a construção de territórios no ciberespaço.

Segundo Keller, Araújo e Corso (2015), os *ciberterritórios* podem ser compreendidos como espaços que surgem a partir de novos meios de interação e permitem a construção de novas territorialidades, paralelas ou, até mesmo, diferentes do cenário físico. O *ciberterritório* está relacionado

¹⁵ A conversa foi mantida na íntegra.

e, ao mesmo tempo, sofre influências diretas das dinâmicas socialmente construídas, uma vez que nelas está inserido. Para a sua sobrevivência, essa nova dimensão territorial faz uso de outras estratégias adotadas pelos *t-lovers*. Em outras palavras, observamos que ao “transportar” o território material para o ciberespaço, os *t-lovers* criam um *ciberterritório* diretamente influenciado pelas múltiplas relações vividas na Avenida Augusto Severo, construindo novas configurações de relações de poder.

Após abordarmos o território de prostituição de travestis no bairro da Glória por meio de diferentes olhares a ele pertencentes, podemos concluir que a delimitação de um espaço para o exercício da atividade vem possibilitando a sua existência ao longo de décadas. Entretanto, para os *t-lovers*, o território, em diversos momentos, é marcado por constantes riscos e incertezas, uma vez que, ao realizarem programas com *t-gatas* consideradas Lista Negra, a busca pelo prazer pode se transformar em um momento de dor, angústia e impotência.

O *ciberterritório* representa uma nova forma de relação entre *t-lovers* e entre eles e as travestis, possibilitando que as tradicionais estruturas do território de prostituição sejam questionadas e enfraquecidas, tendo em vista que os *ciberterritórios* passam a receber fortes influências daquilo que é comentado no mundo virtual, dando autoridade às novas narrativas. Compreender as atuais dimensões espaciais a partir do *ciberterritório*, de acordo com as travestis e *t-lovers* entrevistados, representa o aumento da segurança para ambos. Para as travestis Lista Branca, o *ciberterritório* lhes garante muitos programas e segurança de sair com o um *t-lover* conhecido. Para os *t-lovers*, representa que eles pagarão pelo prazer e pelo silêncio sem correr riscos. Assim, não há dúvidas de que a compreensão do ciberespaço e as relações de poder do *ciberterritório* representam um importante desafio para a geografia do século XXI.

Para Não Concluir

A partir da história do pensamento geográfico, observamos que o conceito de território, ao longo do tempo, vem sofrendo algumas transformações, reverberando importantes análises que compreendem as relações de poder através de múltiplas escalas e em diferentes temporalidades. Se, inicialmente, o conceito foi de vital relevância para retratar a importância dos limites como instrumentos que possibilitam o uso do poder, posteriormente, observa-se que esses limites podem ser móveis ou cíclicos, entretanto, as relações de poder que constituem o espaço permanecem como condição *sine qua non* para a existência do território.

Sobre esta perspectiva se assenta o território de prostituição de travestis no bairro da Glória, recorte espacial em que as travestis estabelecem as normas através da construção de uma nova configuração de poder. Ressaltamos que o comércio do corpo envolve não somente as travestis, mas

os *t-lovers*, sujeitos que pagam pela relação sexual e pelo silêncio das travestis, uma vez que o desejo pelo pelas *t-gatas* é algo ocultado nas diversas espacialidades vividas pelos amantes “t”.

Diante das inseguranças, dos medos e das incertezas que marcam os territórios de prostituição de travestis e para evitar que sua identidade *t-lover* seja descortinada, os admiradores de *t-gatas* se reúnem no ciberespaço e criam redes nas quais compartilham experiências e as mais diversas informações sobre travestis que se encontram nos territórios de prostituição, chegando a georreferenciar com exatidão os espaços ocupados por seus corpos, *ciberterritorializando* as áreas de prostituição de travestis.

Através dessa nova dinâmica, constatamos que a estrutura de poder passa a sofrer alguns abalos ao ser direcionada diante do panorama das travestis, uma vez que os *t-lovers* interferem diretamente na dinâmica do comércio do corpo por meio dos *ciberterritórios*. Considerando que a virtualidade se faz presente no cotidiano de diversos sujeitos, pensar essa nova dimensão espacial, não a partir de uma perspectiva abstrata, mas como algo presente no dia a dia de muitos sujeitos e capaz de influenciar as diversas dinâmicas do “mundo real”, ainda constitui um importante desafio para a geografia contemporânea.

Referências

- BECKER, H. *Outsiders – estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BENEDETTI, M. R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2000.
- BENEDETTI, M. R. *Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BORGES, D. *O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro – uma análise sob a perspectiva das crenças do perigo*. Rio de Janeiro: Appris, 2012.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- CARLOS, A. F. A. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARRARA, S.; VIANNA, A. R. B. “*Tá lá o Corpo Estendido no Chão...*”: A Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 233-249, 2006.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- Catraca Livre*. Disponível em: (<https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/>). Acesso em: 03 de fevereiro de 2021.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- Fórum Elite Acompanhantes*. Disponível em: (<https://eliteacompanhantes.com.br/forum/index.php>), data de acesso: Entre maio de 2013 e junho 2021.
- KEEN, A. *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- KELLER, D. G.; ARAÚJO, D.C.; CORSO. *Ciberterritórios e masculinidades: o papel do discreto no*

aplicativo Scruff. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul. v. 14, n. 27, p. 153-179, 2015.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. *O estranho espelho da análise do discurso*. In: COURTINE, J.J. *Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2009.

ORNAT, M. J. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

ORNAT, M. J. *Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas*. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 27, p. 75-88, 2010.

ORNAT, M. J. *Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do sul do Brasil*. 2011. 279f. Tese de Doutorado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2011.

PIMENTEL, I. I.; BARBOSA, A. C. S. *Ciberespaço, t-lovers e travesti: a emergência de novas dinâmicas no território de prostituição de travestis no bairro da Glória – RJ*. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 216-236, 2020.

RIBEIRO, M. A. C. *Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro*. Boletim Goiano de Geografia. Goiânia (GO), v. 15, p. 57-79, 1995.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero*. Estudos de Psicologia, v.11, n.1, p. 65-69, 2006.

SOUZA, M. L. de. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, M. L. de. *O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, I. E. de; COSTA GOMES, P. C. da; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-115.